

Períodos Taisho e Showa (De 1912 a 1939)

Por Angelo Papim

Obs: No Japão os tempos são denominados pelo tempo do mandato e nome dado ao Imperador da época.

Período de Taisho (1912-1926)

Taisho foi o período cheio de problemas políticos e econômicos para o Japão.

Com o desenvolvimento do capitalismo nos principais países acidentais, deu-se a competição na busca de matérias primas e na conquista de mercados internacionais, para a colocação de seus produtos. Naquela ocasião, destacou-se a Alemanha que, embora tivesse alcançado o seu desenvolvimento industrial após as outras nações poderosas, avançou também na conquista de mercados, cujo dinamismo logo veio causar conflitos com a Inglaterra e a Rússia. Estas duas potências, perante aquela situação, procuraram convidar também a França para firmar um contrato de comércio e fazer frente à Alemanha. Também esta não perdeu tempo e se aliou com a Áustria e a Itália para resistir à pressão dos adversários. A rivalidade entre aqueles países veio motivar conflitos dos Balcãs e, em 1914 fez explodir a Primeira Guerra Mundial. Como o Japão tinha, naquela ocasião, um contrato assinado com a Inglaterra, também foi obrigado a participar da guerra contra os germanos e seus aliados e, naquela manobra, conquistou as concessões orientais da Alemanha.

O Japão que vinha há muitos anos, criando choques com a China, acabou por fim, durante a Primeira Grande Guerra, impondo algumas condições ao seu vizinho para o explorar.

A Primeira Guerra Mundial

O século XX descortinou-se com as divergências dos países imperialistas. Essas divergências tornaram-se mais graves, com a formação de duas potências rivais: de um lado, a Inglaterra, a França e a Rússia, que se uniram por intermédio de um tratado comercial e, de outro, a Alemanha, a Áustria e a Itália, unidas mediante uma aliança.

Em breve, as potências se envolveram nos problemas do povo eslavo, aumentando a tensão política da Europa. Essas rivalidades terminaram levando o mundo a uma guerra catastrófica, em 1914, iniciada com o assassinato do príncipe austríaco.

Com o desenvolvimento do parque industrial, a produção apresentou, sem demora, um aumento inesperado. O progresso verificou-se principalmente nas indústrias têxteis, nas indústrias pesadas e na metalúrgica. Com base nessas indústrias e com o desenvolvimento da marinha mercante, expandiu-se também a da construção naval e a indústria automobilística. Evidentemente, esse progresso trouxe também maior exploração de energia elétrica.

O Japão, sob o pretexto da existência de uma aliança com a Inglaterra, entrou também na guerra a favor dos Aliados. Com isso, o Império nipônico ocupou a concessão germânica da China, Chin-Tao e, com sua força naval, tomou as ilhas Marshall e Carolinas, na Oceania, antes pertencentes à Alemanha. A esquadra japonesa chegou a avançar até o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo. Desta forma, enquanto os europeus e americanos travavam lutas desesperadoras, o Japão conseguiu expandir-se na Ásia e Oceania.

A vitória sobre a China e a Rússia, nas batalhas do período de Meiji demonstrou que o Japão havia se transformado num país eminentemente imperialista. Esse desejo de expansão territorial era fruto de uma necessidade criada pelo sistema capitalista nipônico,

que havia entrado na segunda fase do seu desenvolvimento: a do monopólio.

Após essa vitória, o plano político de expansão territorial ganhou impulso e entusiasmo, graças à iniciativa militar. Dessa maneira, a política exterior japonesa passou a ser mais agressiva e acabou por tomar um caráter todo especial.

O setor econômico do Japão estava, nos fins do período de Meiji e no início da era Taisho, numa situação de estagnação e apresentava visíveis sintomas de declínio, principalmente em 1913, pois o país se achava em crise. Todavia, estourou a Primeira Guerra Mundial. Esta livrou o capitalismo nipônico de uma crise arrasadora. O Japão participou da guerra e, sem sofrer qualquer dano considerável, lucrou e equilibrou-se economicamente, consolidando a base do capitalismo que, até então, se achava instável. A procura de produtos japoneses pelos países que estavam participando diretamente da guerra era grande e trouxe progresso para as indústrias e incrementou a exportação.

Outro fator que impulsionou o desenvolvimento industrial foi que alguns produtos, de que o Japão necessitava e, que eram importados, como os produtos químico-industriais, passaram a ser fabricados lá mesmo, pois as nações fornecedoras estavam por demais preocupadas com a guerra.

Os "Motins do Arroz" e suas Consequências

A Primeira Guerra Mundial trouxe para a economia do Japão um progresso inédito e elevou o país ao plano internacional. Porém, terminada a guerra, nova crise veio ameaçar o capitalismo nipônico, embora este já estivesse bem consolidado.

Além do parque industrial, também a navegação mercantil foi diretamente atingida pela crise de 1918, porque não havia necessidade de transporte, pois os produtos industriais não mais eram procurados pelos outros países. Consequentemente, os produtos sofreram uma queda brusca nos preços e, ao mesmo tempo, a Bolsa de Valores ficou em situação difícil. O pânico sacudiu a nação que, até então, se deliciava com os lucros vultosos pro vindos da hostilidade europeia. Mas, como por milagre, o pânico foi logo amenizado, graças às rotas de exportação abertas durante a guerra e à evolução do capitalismo, que soube encontrar uma saída para aquele impasse.

Os conhecidos "motins do arroz", que marcaram época na história da manifestação popular do Japão, aconteceram durante essa crise. O incidente foi motivado pela alta brusca do preço do arroz, gênero alimentício de primeira necessidade para o povo japonês. Primeiramente, um grupo de donas de casa, familiares de humildes pescadores da província de Toyama, manifestou-se em motim contra aquela carestia imprevista e o desvio do produto para uma outra região. A notícia dessa rebelião foi logo espalhada e serviu de exemplo, pois criou uma revolta do povo em todo o território. A massa, delirante com a força da opinião pública, começou a atacar os armazéns e depósitos e a saquear o arroz, precioso alimento, que estava sendo colocado longe do alcance de muitos. Aquele conflito obrigou à mobilização do exército, que logo restabeleceu a ordem no país, mas, o acontecimento foi fatal para o Gabinete de Terauchi, que foi obrigado a dissolvê-lo e a entregar a administração do país a outros.

Aquele incidente foi motivado por um simples protesto de um grupo de donas de casa, porém, acabou repercutindo como uma manifestação geral do povo. Tomou-se um acontecimento importante porque o caso veio estimular, com o reconhecimento da força da opinião pública, os movimentos de sindicatos de trabalhadores e, ao mesmo tempo, despertar o interesse geral pela crítica contra um governo incapaz de dirigir a nação e zelar pelo conforto do povo.

Período de Showa (1926 a 1989)

Como os Estados Unidos cerraram as portas, não mais aceitando a imigração japonesa, o Japão teve que procurar uma outra saída. Foi naquela ocasião, isto é, no início do período de Showa, que grandes levas de imigrantes começaram a tomar o caminho da América Latina, onde eles eram acolhidos.

Todavia, a saída dessas levas não bastou para amenizar o problema econômico e populacional da nação. Devido a isso, os dois militares, levados pelo impulso, iniciaram a invasão do continente vizinho a fim de conquistar colônias para seu país tão pequeno, com uma população tão grande para sustentar. Na realidade, o Japão necessitava não somente de uma colônia para a população, mas também de mercados e matéria prima para manter seu equilíbrio econômico.

Em 1931, o Japão invadiu o território da Manchúria. Tornando-a semicolônia, porém logo se ouviu o protesto da Liga das Nações que não quis reconhecer a independência e nem o domínio nipônico sobre aquela área. Não havendo, portanto, nenhuma justificativa legal para aquela ocupação militar, o Japão viu-se obrigado a se demitir do órgão internacional, pois não havia outra alternativa para manter o seu domínio sobre a Manchúria.

Com o êxito daquela invasão, os militares começaram a se prevalecer do fato e logo vieram a usar suas forças para interferir na política: dois motins, liderados pelos cadetes da escola militar e pelos civis nacionalistas causaram o assassinato de muitos ministros que procuraram impedir a interferência dos soldados. Assim, o militarismo nipônico alcançou a meta desejada. Pois acabou com o partidarismo, perseguiu os comunistas e os socialistas, passou a censurar a imprensa e a implantar sua doutrina fanática entre o povo.

Outra divergência com a China veio causar nova invasão japonesa ao território desse país. Enquanto isso, na Europa surgiam dois ditadores: Adolf Hitler, na Alemanha e Benito Mussolini, na Itália. Ambos implantaram o nacionalismo em seus países, o qual veio a causar a maior tragédia do mundo: a Segunda Guerra Mundial. O primeiro invadiu a Áustria, a Tchecoslováquia e a Polônia e o segundo, a Etiópia. Assim, em 1946, os três países que tanto necessitavam de mercados e colônias, fizeram uma aliança e formaram o conhecido "Eixo". Perante aquelas invasões germânicas, a Inglaterra e a França viram-se obrigadas a tomar uma decisão drástica, que resultou na Segunda Grande Guerra.

Como a guerra contra a China se prolongava, o Japão supôs que a Inglaterra e os Estados Unidos estivessem auxiliando seus inimigos e, para pôr término ao conflito, decidiu cortar a rota de auxílio anglo-americano do Pacífico sul. Com a formação do Gabinete do General Tojo Hideki, o plano foi posto em prática, iniciando-se com o ataque estratégico ao porto de Pearl Harbour, abrindo a Guerra do Pacífico.

A Invasão do Continente

Após a Primeira Guerra Mundial, o capitalismo internacional esteve momentaneamente em situação estável. Mas, como havia muitas contradições dentro do próprio sistema, já que sua base ainda não se achava consolidada, surgiu logo o desequilíbrio econômico causador do pânico mundial de 1929, que teve início com a queda brusca da Bolsa de Valores de Nova York.

Naquela época, o Japão ainda não estava restabelecido das crises anteriores, e como seu sistema econômico financeiro era o capitalismo, ligado ao internacional, não pôde escapar daquela crise que abalou o mundo inteiro, e foi tragado pelo pânico de Wall Street, de Nova York.

O governo japonês procurou reorganizar a economia nacional, baseando a moeda

corrente no valor do tesouro real (ouro), porém todo seu esforço foi inútil, porque o maior comprador dos produtos nipônicos eram os Estados Unidos, que estavam mergulhados na mais grave crise de sua história. Portanto, a Bolsa de Valores do Japão também sofreu grande queda, que chegou a atingir uma baixa de mais de 30%. Evidentemente, o preço dos produtos caiu, trazendo grande confusão no comércio interno e externo, que forçou a diminuição da produção pelos fabricantes. Com essa alteração, muitos produtores de média e pequena escala foram à falência.

O pânico de 1929 veio determinar a característica do capitalismo nipônico: o monopólio. Este fenômeno surgiu com o desaparecimento dos médios e pequenos capitais, que foram à falência, ou foram incorporados aos grandes capitalistas, denominados "*ai-batsu*".

Enquanto isso se passava, o governo imperial estava desesperado, à procura de uma medida para amenizar a crise econômica da nação. As indústrias foram obrigadas a racionalizar seu sistema de produção. Procuravam baixar o preço de custo para manter a monopolização dos preços no mercado. Essa operação foi feita mediante a minoração dos salários e a prorrogação das horas de trabalho. Isso, evidentemente, sacrificou a classe operária, pois a estes males juntou-se o do aumento do número de desempregados.

O governo japonês estava também muitíssimo interessado na sua expansão ao continente chinês. Após vários conflitos armados com a China, o exército nipônico, que se achava em território manchú, começou a se movimentar mais. Deu-se então o início do fascismo no Japão, que mais tarde veio criar o militarismo.

Em 1931, o Japão invadiu totalmente a Manchúria. Essa invasão provocou o ódio dos chineses, o qual começou a se manifestar em atos de terrorismo contra os cidadãos japoneses lá residentes, O Japão continuava enviando tropas para abafar aqueles conflitos, pois a China era bem inferior política e militarmente e não oferecia nenhuma resistência. Naquela altura, os militares nipônicos haviam conquistado grande influência na política nacional, sendo aquelas ações militares no continente chinês de iniciativa do próprio exército.

Todavia, os países estrangeiros estavam acompanhando todos aqueles movimentos dos japoneses. Muitas críticas surgiram, pois se tratava de uma invasão contrária às leis internacionais. O Japão procurou, inutilmente, justificar sua operação da Manchúria, criando um governo sem autonomia naquele território e declarando-o um país independente. Como a Liga das Nações não reconheceu a independência daquele país e em 1933 protestou contra a agressão e exigiu a retirada das tropas invasoras, o Japão viu-se obrigado a se demitir daquele órgão internacional, para manter sua concessão do continente celeste.

Conflitos com a China

O Japão parecia estar predestinado a lutar com a China. Em 1937, com a formação do Gabinete de Konoé Fumimaro, o exército nipônico invadiu novamente o território chinês e acabou entrando em guerra total. Ocupou o norte e o centro do Continente Celeste, onde estabeleceu um governo sob o seu jugo, sem autonomia, semelhante ao da Manchúria. Contudo, a resistência chinesa continuava; os nacionalistas e os comunistas se uniram para fazer frente à tirania japonesa. Portanto, o Japão, embora possuísse armamentos mais modernos, não conseguia subjugar o povo chinês.

Enquanto a guerra nipo-chinesa continuava, no Japão o fascismo militar mobilizava o povo para entrar em estado total de guerra, pois a Constituição já não mais possuía o rigor antigo e o Congresso fora obrigado a estabelecer regulamentos impostos pelos militares. Estes arrasaram os movimentos trabalhistas e boicotaram os intelectuais que

pregavam o liberalismo ou a democracia. A Polícia Militar imperial, o “*Kempeitai*”, estava sempre alerta para impedir a divulgação de doutrinas que criticassem o militarismo, ou se lhe opusessem.

Na política externa, o Império nipônico procurou aproximar-se dos países nacionalistas Alemanha e Itália, estreitando com eles os laços de amizade. Desta forma, em 1940, o diplomata japonês Matsuoka Yosuke dirigiu-se à Europa, onde conferenciou com o líder alemão Adolf Hitler e o italiano Benito Mussolini, para firmar uma aliança militar. Assim se formou a potência conhecida como Eixo.

Matsuoka esteve, naquela mesma ocasião, em Moscou, para tratar de um acordo de neutralidade nipo-russo, acordo esse firmado para garantir a segurança de sua retaguarda, pois, enquanto o exército imperial dirigia a operação da zona meridional, as ocorrências militares com os russos eram constantes na fronteira com a Manchúria.

Os Estados Unidos não gostaram das manobras militares japonesas; e nem tão pouco de suas atividades diplomáticas, com a formação do Eixo. Severas críticas a essas atividades foram enviadas ao governo nipônico, mas este não quis tomar conhecimento delas. Diante disso, o governo norte-americano decidiu cancelar o Tratado de Comércio Nipo-americano e congelar os capitais nipônicos existentes dentro do seu país. A Inglaterra e o Canadá também seguiram o mesmo exemplo dos Estados Unidos. Ficou preparado assim o motivo para a Guerra do Pacífico que viria explodir logo mais.

A Guerra do Pacífico

As relações diplomáticas entre o Japão e os Estados Unidos tornaram-se mais tensas, após a formação do Eixo com a Alemanha e a Itália em 1940. Entretanto, o governo imperial procurou remediar a situação. Para isso, o Primeiro-Ministro nipônico, Konoé Fumimaro propôs uma conferência com o Presidente americano Franklin Roosevelt. Mas, diante da atitude do governo japonês em não haver dado nenhuma atenção às advertências americanas e de haver invadido também a Indonésia, o governo americano não aceitou a proposta feita pelo Primeiro-Ministro nipônico.

Naquele ano de 1941, os Estados Unidos congelaram os capitais japoneses e cortaram a cota de petróleo, que até então estavam fornecendo ao Japão, como advertência final. O Japão se sentiu bastante prejudicado com aquele congelamento e o corte de fornecimento do petróleo. Em vista da gravidade da situação, convocaram-se reuniões dos dirigentes do país, em busca de uma solução. Finalmente, deliberou-se em se preparar imediatamente para abrir força contra os Estados Unidos, caso estes não aceitassem as condições impostas pelo Japão.

Essa decisão de entrar em guerra foi tomada, apesar de haver uma excelente oportunidade de se entabularem negociações diplomáticas com os americanos. Essa oportunidade foi desperdiçada porque o Gabinete de Konoé, que vinha envidando esforços nesse sentido, foi dissolvido pelo Exército Imperial e substituído pelo do General Tojo Hideki, a quem se deve o início da marcha para a guerra trágica do Pacífico.

O General Tojo enviou representantes aos Estados Unidos, a fim de prosseguirem com as negociações, mas isso não passava de um; formalidade e um meio de ganhar tempo para os preparativos de combate, pois, a esta altura dos acontecimentos, o Japão havia decidido entrar em guerra. Portanto, as condições impostas pelo governo americano, de retirar as tropas japonesas da China e de romper a aliança militar com a Alemanha e a Itália foram imediatamente recusadas. Mesmo assim, Roosevelt procurou evitar a guerra, enviando uma carta ao Imperador Hirohito, mas foram inúteis os seus esforços.

Aos oito de dezembro de 1941, o Japão iniciou a guerra, com o ataque de surpresa contra o porto de Pearl Harbour, no Hawaii. Este ataque foi realizado antes de os

diplomatas japoneses entregarem a última resposta do seu governo às propostas feitas pelos americanos. Foi, portanto, um ataque traiçoeiro, o que irritou o povo americano, cuja opinião pública voltou-se inteiramente contra o procedimento do governo japonês.

Disponível em: http://angelopapim.sites.uol.com.br/quadro_showa.htm